



## ***Áfricas no Brasil: um projeto de formação em artes visuais como ação afirmativa***

*Vanessa Raquel Lambert de Souza*

*vanessa\_raquel@hotmail.com*

### **RESUMO**

O comunicado tem por objetivo apresentar alguns modelos de formação em artes visuais que foram desenvolvidos no SESC Belenzinho (SP) durante oficinas práticas, teóricas, seminários e uma exposição que, em sua essência, tinham por objetivo sensibilizar o público quanto às diversas histórias da arte que fazem parte de nossa cultura e que frequentemente são preteridas dentro da historiografia tradicional das artes, consagrada como universal ou, ainda, muitas vezes, apresentada como expressões artísticas exóticas e primitivas. A nossa história da arte com frequência é contada e representada a partir de um ponto de vista europeu.

O projeto Áfricas no Brasil veio coroar outros projetos temáticos, como por exemplo os intitulados "Universos Árabes" e "Arte Japonesa", frequentemente organizados em oficinas, encontros de professores, vivências e seminários. A exposição "Renda Brasileira", por sua vez, se organizou em torno de uma mostra na qual foram expostos trabalhos originários de diferentes regiões do Brasil, nos quais a renda e o universo das rendeiras eram elemento essencial. A exposição incluiu objetos decorativos, aplicações em trabalhos de estilistas, instalações artísticas e fotografias do cotidiano das rendeiras com curadoria de Renato Imbroisi. Além da exposição, foram oferecidas ao público diversas oficinas ministradas pelas mesmas rendeiras que realizaram a maior parte dos trabalhos expostos. Foi realizado um seminário que discutiu a renda como elemento de valorização social, destacando o trabalho minucioso destas mulheres. Já o projeto de cursos teóricos de história da arte "Núcleo de Estudos em História da Arte 2013" teve como tema anual a produção artística realizada na América Latina. Desse modo, o comunicado retrata metodologias, procedimentos e a curadoria realizada, tendo por objetivo reforçar expressões de identidade cultural a partir do estudo desses temas.

PALAVRAS-CHAVE: arte, identidade e educação

### ***Áfricas no Brasil: um projeto de formação em artes visuais como ação afirmativa***

O artigo tem por objetivo apresentar alguns modelos de formação em artes visuais que foram desenvolvidos no SESC Belenzinho (SP, Brasil) durante as oficinas práticas, teóricas e seminários. Tais modelos de estratégias educativas visam sensibilizar o público quanto à diversidade de expressões artísticas que fazem parte da cultura brasileira e que, frequentemente, são preteridas dentro de uma historiografia tradicional das artes que é consagrada como universal ou, ainda, apresentadas como produções exóticas e primitivas. Assim, será destacado neste artigo o projeto de oficinas temáticas, cursos e seminário intitulado **ÁFRICAS NO BRASIL**, realizado no SESC Belenzinho durante os meses de Janeiro, Fevereiro e Março de 2013. Todas as atividades realizadas na programação tinham por objetivo reaver memórias da ancestralidade negra que fossem pautadas a partir das ideias de pertencimento, valorização, afirmação e reconhecimento, já que a escola, e a sociedade em geral, não destaca em seus espaços de representação elementos com os quais a população negra possa se orgulhar e se identificar.

O SESC é uma instituição cultural de caráter privado que oferece ao público gratuitamente, ou a baixo custo, serviços na área de teatro, dança, esportes, música, artes visuais, alimentação etc. A partir deste recorte, o artigo pretende trazer à tona as metodologias e procedimentos adotados na curadoria do projeto, que tinha por objetivo reforçar expressões de identidade cultural afro-brasileira a partir do estudo da ancestralidade negra no Brasil. A programação do evento, que destacou as artes visuais, foi realizada pela autora deste comunicado. Além disso, o evento também incluiu interessante programação paralela de cinema africano, organizada pela pesquisadora de cinema e técnica de programação cultural Christine Villa, que trouxe o cineasta Jeferson D e o crítico Heitor Augusto; além do igualmente rico bate-papo com a escritora Kiusan Oliveira, organizado pela bibliotecária Daniela Momozaki. Igualmente, o seminário de encerramento contou com a colaboração do técnico de programação cultural Mauro Lucas, que é responsável pela implantação do programa Diversidade Cultural do SESC-SP na unidade SESC Belenzinho. Ações conjuntas que envolvem outras linguagens a partir de um mesmo eixo temático constituem-se numa excelente estratégia de mediação para políticas de ação afirmativa e empoderamento. A arte contemporânea dialoga constantemente com as

inúmeras artes tradicionais e com a moda, o cinema, a literatura, a antropologia, o design etc.

Qualquer ação de mediação na área de cultura negra não é algo que possa ser feito de maneira isolada. As próprias culturas negras ancestrais eram cosmopolitas, pautadas em diferentes experiências poéticas entrecruzadas num tecido de relações com outros povos, tempos e lugares. Conforme afirmou Edgard Morin, a “ciência nunca teria sido ciência se não tivesse sido transdisciplinar” (MORIN, 2004). A transdisciplinaridade é uma metodologia de trabalho que se mostrou muito construtiva no projeto aqui apresentado. O autor também afirma que:

As crianças aprendem a história, a geografia, a química e a física dentro de categorias isoladas, sem saber, ao mesmo tempo, que a história sempre se situa dentro de espaços geográficos e que cada paisagem geográfica é fruto de uma história terrestre, sem saber que a química e a microfísica têm o mesmo objeto, porém em escalas diferentes. As crianças aprendem a conhecer os objetos isolando-os, quando seria preciso também recolocá-los em seu meio ambiente para melhor conhecê-los, sabendo que todo ser vivo só pode ser conhecido na sua relação com o que o cerca, onde vai buscar energia e organização. (MORIN, 1982, p. 217-218)

Estudar a cultura negra no Brasil é uma emergência. O projeto *Áfricas no Brasil* surgiu a partir dessa necessidade. Atualmente 70% dos assassinados pela polícia são jovens negros. A população branca é a maior detentora do acesso aos cargos melhores remunerados e à educação. A diferença entre ricos e pobres é grande, mas ela aumenta quando a comparação é feita por raça. Em publicação importante sobre a desigualdade racial, registrada no livro *Violência racial: uma leitura sobre os dados de homicídios no Brasil*, os autores destacam alguns números da violência ligada à cor da pele:

Os dados registrados pela série documental *Mapa da Violência: os jovens do Brasil*, revelam que nossas taxas de homicídios são elevadas e tem como principal vítima a população do sexo masculino pertencente à raça negra. Negro é o grupo racial brasileiro mais vulnerável à morte por homicídios. O estudo aponta que no ano de 2004, a taxa de vitimização desse grupo foi de 31,7 em 100 mil negros, enquanto para a população branca foi de 18,3 homicídios em 100 mil brancos. A população negra teve 73,1% de vítimas de homicídio a mais do que a população branca. (WAISELFISZ, 2006, p.58)

De fato, conforme aponta a pesquisadora Nilza Iraci Silva no livro *Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado* (2013), estudo feito pelo IBGE de 2011 revela que 8,5% (o equivalente a 16,2 milhões) da população do país vive em situação de extrema pobreza, com renda per capita de até 70 reais por mês, o equivalente a cerca de 2 reais por dia. Desses 16,2 milhões de pessoas, cerca de 70% são negras e negros. A situação da mulher negra no Brasil é ainda mais lamentável: só para citar como exemplo a

questão do mercado de trabalho, elas são as primeiras a entrarem no mercado de trabalho e as últimas a saírem. Pesquisa realizada pelo Instituto IPEA indica que mulheres negras ocupam em maior número trabalhos informais e precários, cerca de 71%. As mulheres brancas ocupam 54% desses postos e os homens 48%.

### **O legado do preconceito sobre a arte afro-brasileira**

Podemos dizer que a produção artística afro-brasileira é frequentemente estudada de modo folclórico e excludente. Ações afirmativas que permitam a re-valorização e o empoderamento do negro a partir de sua própria perspectiva histórica e social são necessárias para que se renove o olhar da sociedade em geral, etnocêntrico e patriarcal. As missões artísticas que vieram ao Brasil exerceram grande influência sobre a iconografia do negro aqui produzida, dentre tantas outras formas de representação. Os estereótipos presentes em imagens criadas por artistas viajantes serviram de modelo para vários tipos de retratistas, inclusive fotógrafos. Muitas dessas imagens persistem até os dias de hoje e contribuem para a manutenção de um sistema opressor que pretende naturalizar a discriminação. (SOUZA, 2007)

A família real portuguesa desembarcou na Bahia em 1808 e integra esse processo de europeização, transferindo-se para o Rio de Janeiro meses depois. A partir de então, Dom João VI introduziu uma série de mudanças políticas e culturais, como a criação da Imprensa Régia, o Museu e a Biblioteca Real. A Academia e Escola de Belas-Artes iniciaram seus cursos em novembro de 1826, para reforçar a modernidade europeia na cultura brasileira. Antes disso, em 1800, a administração colonial já havia tomado medidas para renovar as artes do Brasil, como a criação da Aula Prática de Desenho e Pintura, que proporcionava aos artistas uma nova opção de formação, além daquela que era mais comum – a oferecida pelas ordens religiosas no formato das Corporações de Ofícios.

A contratação de uma Missão Francesa trouxe para o Brasil as doutrinas estéticas e os preconceitos moralistas dos revolucionários da Europa. A tradição colonial de raízes religiosas e barrocas foi preterida em favor de um modernismo europeu. A inspiração neoclássica cultuava o Belo grego, e certamente foi uma expressão artística burguesa. Além disso, a Abertura dos Portos às Nações Amigas, decretada por D. João VI, permitiu a entrada de um grande número de artistas estrangeiros, como o austríaco Thomas Ender e o alemão Johann Moritz Rugendas, que deixaram vasta iconografia da arquitetura e dos costumes brasileiros do começo do século dezenove. Com a Missão Francesa e a criação da Academia Imperial de Belas Artes, surge um novo modelo de formação em arte e

consequentemente do ensino de educação artística. Este modelo precede uma série de estratégias e escolas de arte que se desenvolveram até os dias de hoje.

### **Paradigmas no ensino da arte no Brasil**

Para este artigo, destaco a Proposta Triangular, estratégia de ensino modelo em muitas instituições de educação formal e não-formal brasileiras. A proposta triangular, uma das principais referências do ensino da arte no Brasil, foi criada por Ana Mae Barbosa e é interessante para esta discussão, pois propõem o ensino das artes a partir de três abordagens que visam construir saberes em arte: a contextualização histórica (envolve busca de elementos de época, geográficos, sociais, étnicos e suas dimensões políticas, culturais etc); o fazer artístico (produzir arte e realizar ações artísticas) e a apreciação artística (leitura da obra de arte, reflexão, investigação de dados relacionados ao campo semiótico, visual, iconográfico etc.). Nas palavras da autora,

O aluno, diante de uma obra de arte, deve ser capaz de analisá-la, dar-lhe um significado, contextualizá-la. A grande porta para o desenvolvimento da cognição é a contextualização – conhecer as condições em que aquelas obras foram feitas, como era o mundo naquele momento, como eram as outras artes, comparar com o que é feito hoje e com artistas que trabalham em condições semelhantes. (BARBOSA, 2001, p. 20-21)

A programação temática referida neste artigo pretendeu trazer à tona expressões culturais originárias de diferentes países do continente africano e seus reflexos no Brasil. Foram apresentados elementos da produção negra, com destaque para as artes visuais e a oralidade existente nas simbologias, na indumentária, nas mitologias, na alimentação etc. Em 2013, completaram-se 10 anos de criação da Lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino das culturas africanas e afro-brasileiras no Ensino Fundamental e Médio. O Brasil, que é considerado o segundo país mais negro do mundo fora do continente africano, ainda desconhece muito dessa ancestralidade. A nossa história é frequentemente contada, representada e discutida a partir de um ponto de vista europeu. O mito da democracia racial persiste, e por muito tempo serviu de discurso para uma redução que objetivava cada vez mais a invisibilidade dessa ancestralidade e dos descendentes da diáspora africana e também indígena, como o afirmam pesquisadores tais como Kabengele Munanga (1942), docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) e Marina de Mello e Souza (1957), docente de História da África e pesquisadora da cultura afro-brasileira, também da USP.

Temos uma história da arte consagrada na Academia como mundial que evidentemente privilegia estudos acerca de uma produção artística europeia, e mais

recentemente, a norte-americana. Para a Europa de finais do século XIX e início do século XX, a produção negra foi a grande inspiradora de artistas europeus. Picasso, Braque, Mondigliani, Matisse e muitos outros artistas enxergaram na solução plástica e espacial das máscaras africanas a base para o desenvolvimento de uma renovação pictórica que os consagrou na história da arte. Conseqüentemente, a primeira geração modernista brasileira, influenciada por investigações pictóricas oriundas da famosa École de Paris recebeu, ainda que indiretamente em muitos casos, forte influência das artes africanas. O pesquisador Hans Belting já afirmava em seu livro intitulado *O fim da história da arte*, a necessidade de um revisionismo histórico que destacasse produções além das artes europeias e norte-americanas, tais como as chinesas, as diversas culturas negras, as árabes, persas, indianas etc.

No Brasil, ainda no período colonial, a produção negra e mestiça foi a grande geradora de expressões artísticas na área de arquitetura, escultura e imaginária do período Barroco e Rococó. Rubem Valentim, Mestre Ataíde e Aleijadinho, só para citar alguns nomes, compõem um vasto conjunto de artistas, em sua maioria anônimos, já que as artes decorativas foram por muito tempo consideradas menores e, portanto, adequadas àqueles destinados ao trabalho braçal. A beleza desses cruzamentos pode ser verificada, a exemplo, na igreja de Santa Ifigênia (Ouro Preto – MG), datada do século XVIII e que apresenta, esculpidos em sua talha barroca, elementos de culturas africanas, tais como búzios, marcas de iniciação, chifres de carneiro e cabra etc. Fala-se que esta igreja teria sido construída por Chico Rei, um antigo rei numa sociedade do Congo. No Brasil, como escravo, teria comprado sua liberdade e a de outros negros. Com a chegada da Missão Artística Francesa, no final do século XIX, a produção barroca foi preterida em favor de uma estética positivista, nos moldes da Academia Imperial de Belas Artes. Em vista dessas características, essa historicidade que destaca artistas negros e negras foi resgatada em encontros com professores e algumas oficinas do projeto Áfricas no Brasil.

### **A programação**

A programação temática priorizou três linhas de ação: oficinas práticas, cursos encontros teóricos e encontros de professores. As oficinas e cursos, maioria lotada, teve atendimento superior a programações artísticas que discutiam linguagens plásticas de maneira restrita (técnicas e procedimentos). A ideia era introduzir o público (muitos deles iniciantes) à cultura afro-brasileira pelo viés da arte. As oficinas apresentavam produções

afro e traziam o contexto cultural de cada técnica. Os alunos eram estimulados a criarem a partir de suas referências pessoais e descobertas ocorridas durante as atividades.

Oficinas e palestras como *Cabelos: Tecendo e Trançando Arte*, com o Coletivo Manifesto Crespo; a oficina *Técnicas Africanas de Amarração de Tecidos* e a palestra *História, Símbolo e Identidade na Moda Afro-brasileira* com a estilista e pesquisadora de moda Makota Kizandembu, foram um ponto alto no evento, destacando que muitas vezes a escolha da moda que escolhemos para vestir pode ser um ato político para a afirmação de identidades tanto quanto pode demonstrar desconhecimento ou aceitação da imposição de valores rigidamente estabelecidos por outrem. Tranças, turbantes, maquiagem e outros acessórios de visualidade afro foram apresentados e construídos nas oficinas, sempre a partir do ponto de vista do reconhecimento de uma ancestralidade comum e de uma atitude de não exotização. Vínculos foram estabelecidos entre os participantes, que se encontravam na participação de outras atividades.

Na oficina intitulada *Quadrinhos na África e Brasil*, com o artista plástico e quadrinista Marcelo d'Saete, foram discutidas possíveis relações temáticas entre desenhistas de alguns países africanos e o Brasil.

Para o encontro de professores intitulado *Arte Africana e Afro-brasileira na Sala de Aula*, convidamos a artista plástica e pesquisadora Renata Aparecida Felinto, que trouxe inúmeras referências e metodologias para o ensino da arte e cultura negra nas escolas. Esta pesquisadora também ofereceu ao público geral palestra específica sob tema *A Representação do Negro nas Artes Brasileiras*, e discorreu acerca de produções artísticas nas quais a população negra é retratada a partir de padrões europeus.

A estamparia tradicional originária de algumas regiões africanas foi discutida historicamente e vivenciada a partir de recriações dos participantes, que descobriram as riquezas e a história presente em símbolos nas técnicas Adire, Índigo Yorubá, Bogolan e Adinkra. Celso Lima, Pesquisador de estampas e seus processos e artista plástico foi responsável por ministrar diferentes oficinas sobre essas técnicas.

Pouco se conhece acerca das produções negras na área de joalheria. A grande variedade de etnias e saberes que foram trazidos ao Brasil via população negra, inclusive a habilidade com metais e fundição, foram destaque nesta excelente palestra, apresentando as pesquisas desse importante especialista: *A Cultura da Joalheria: Desdobramentos da África nas Américas e no Brasil*, com orientação do pesquisador do Museu Afro Brasil,

Renato Araújo da Silva. Este mesmo pesquisador ministrou importante curso de história da arte, sob título *Introdução à História das Artes Africanas*.

O SESC Belenzinho já desenvolve, mensalmente, cursos de história da arte com duração média de três encontros, cada um deles com recortes bastante específicos, de acordo com a temática que está sendo trabalhada naquele mês e ano. Aqui posso citar importantes ações desenvolvidas na programação temáticas anteriores, tais como as intituladas *Artes Japonesas* (2012), *Universos Árabes* (2013) e *Artes na América Latina*. Importante destacar que não trabalhamos necessariamente com datas comemorativas, mas buscamos um tema cultural que carece de maiores discussões e oferecemos ao público, de modo que posteriormente ele possa ser incorporado às atividades regulares com assistência maior e mais participativa, haja vista que também é necessário criar e fidelizar o público com temáticas as quais eles nunca se aprofundaram. Desse modo, dentro da programação Áfricas no Brasil, foi oferecido um curso de história da arte nos mesmos moldes dos cursos de história da arte anteriores (arte contemporânea brasileira, arte europeia, arte japonesa etc.), e teve como título *Introdução à História das Artes Africanas*, com Renato Araújo. Raros são os cursos de história da arte que trazem a cultura negra do continente africano. O curso esteve lotado todos os dias. Vale lembrar que o SESC Belenzinho está situado na Zona Leste de São Paulo, o que dificulta o acesso em horários de pico para muitos. Parte considerável dos moradores da cidade habitam esta região, entretanto a maioria não trabalha lá. A assistência sempre presente e interessada indica que basta que as instituições ofereçam cursos devidamente mediados, que ações como esta podem ser multiplicadas.

Em literatura, contamos com a presença da escritora Kiusam de Oliveira, que interagiu com o público num bate papo intitulado *(Des)Construindo as identidades negras na literatura infanto-juvenil: caminhos possíveis*, realizado no espaço da Biblioteca. Ela falou sobre a literatura infantil e a diversidade, estabelecendo conexões socioculturais e históricas.

A sustentabilidade e temáticas raciais também foram temas de oficinas. Dayse Gomis, do ArtesGriot, ministrou algumas oficinas teórico-práticas sob o tema: Moda, Arte, Sustentabilidade e Racismo Ambiental, e também diversas oficinas de *Confecção de Bonecas Abayomi*. Aqui, aproveito para destacar a relação com outro projeto de exposição e oficinas, sob o tema *Renda Brasileira*, mostra na qual foram expostos trabalhos originários de diferentes regiões do Brasil, nos quais a renda e o universo das rendeiras eram elemento essencial. A exposição incluiu objetos decorativos, aplicações em trabalhos de estilistas,



instalações artísticas e fotografias do cotidiano das rendeiras com curadoria de Renato Imbroisi. Além da exposição, foram oferecidas ao público diversas oficinas ministradas pelas mesmas rendeiras que realizaram a maior parte dos trabalhos expostos. Foi realizado um seminário que discutiu a renda como elemento de valorização social, destacando o trabalho minucioso dessas mulheres e que inaugurou um conjunto de atividades paralelas que ocorreram no decorrer da exposição Renda Brasileira. Na primeira parte do seminário, os palestrantes Durval Leal Filho, Ricardo Gomes Lima, Martha Medeiros, Suzana Avelar, com mediação de Lizete Prata, discutiram o histórico, o mercado, a moda e o repasse do conhecimento da renda no Brasil. Na segunda parte, as rendeiras Eliane Bojkian Polito, Elizabeth Horta Correa, Elizabete Raimundo dos Santos, Fátima Suelene de Oliveira Medeiros, Maria Perpétua Martins, Maria do Socorro Reis Galeno falaram de suas vivências e produções, com mediação de Giselle Marques Leite. Essa experiência foi essencial para a programação do projeto Áfricas no Brasil, que ocorreu posteriormente, já que o formato oficina, palestra e seminário como forma de mediação conjunta demonstrou trazer melhores resultados.

Caio Ignácio, músico, ofereceu no projeto Áfricas no Brasil algumas vivências na oficina intitulada *Percussão, Contos e Cantos Africanos*. Na área de fotografia, a pesquisadora Fernanda Procópio ministrou a oficina Estéticas Fotográficas Afro-Brasileiras. Na área de cinema, o cineasta Jefferson D exibiu algumas produções audiovisuais em encontros que foram seguidos de debates mediados pelo crítico Heitor Augusto. Este último realizou oficinas teóricas sobre o cinema intituladas *Multiplicidades do Cinema Africano*, nas quais ele trazia um panorama das produções realizadas em alguns países.

Quando falamos em mediação, não podemos deixar de destacar a importância de material de divulgação e forma de apresentação adequada das atividades. O folder do seminário fez uso dos famosos adinkras, sistema de símbolos que funcionou como espécie de escrita e foi utilizado pelos povos Akan no passado. Cada adinkra tem um significado, desse modo tentou-se relacionar o significado de cada adinkra aos temas discutidos em cada uma das quatro mesas. A mesa 1 possuía um adinkra, a mesa 2 também e assim por diante. As imagens dos adinkras também haviam sido apresentadas nas oficinas de estamparia, já que no passado o uso destes símbolos foi intenso em tecidos. Deve-se evitar usar em meios de divulgação iconografias estereotipadas da produção afro em geral, que reforcem a ideia de uma África atrasada e única. Para a abertura do seminário, tivemos algumas comidas típicas afrobrasileiras, especialmente preparadas pela equipe de



alimentação, especialmente na figura do especialista Valdo Costa, que montou uma belíssima e refinada mesa.

O encerramento da programação ocorreu com um seminário que contou com a presença de dezesseis palestrantes que discutiram temas ligados à ancestralidade negra e à negritude no Brasil, dentro dos tópicos educação, racismo, arte, costumes, religiosidades, memória etc. O público já havia sido sensibilizado com a temática negra a partir das inúmeras atividades de oficinas e encontros ocorridas desde janeiro deste ano. Conseqüentemente, o seminário, realizado no terceiro e último mês da programação configurou-se num importante espaço para reflexão e aprofundamento acerca das diversas implicações concernentes à diáspora negra, a partir de quatro recortes temáticos, a saber:

### **MESA 1: Racismo, Identidades e Educação**

A mesa 1 tratou de questões que discutiam a diáspora negra e algumas das suas consequências na educação, a implantação do Museu Afro Brasil, as ações afirmativas e a Lei 10.639, que tornou obrigatório o ensino das culturas africanas e afro-brasileiras no Ensino Fundamental e Médio. Participaram desta mesa os pesquisadores Ana Lucia Lopes, Jocélio Teles dos Santos, Marina de Mello e Souza e Petronilha Silva, com mediação de Stênio Soares.

### **MESA 2: Espaços de resistência, memória e empoderamento**

A mesa 2 trouxe algumas questões que serviram de ponto de partida para discussão de problemáticas relacionadas à construção de uma representatividade negra no Brasil e suas implicações na formação de indivíduos, memória e participação social, a partir de uma perspectiva igualitária. Foram discutidas as memórias presentes em achados arqueológicos, em idiomas afro, no design contemporâneo e na representatividade das mídias e espaços sociais. Participaram desta mesa os pesquisadores Dennis de Oliveira, Margarida Maria Taddoni Petter, Renato Imbroisi, Maria Emília Kubruskly e Wagner Bernal, com mediação do pesquisador Stênio Soares.

### **MESA 3: Arte, tradição e heranças**

A mesa propôs algumas falas de pesquisadores e artistas cujos trabalhos dialogam com conteúdos afro-brasileiros, seja pela temática, sejam através da resignificação e apropriação estética de iconografias ancestrais. A história da arte é também um mecanismo de construção de memória e valorização de heranças e tradições de diferentes culturas.

Contudo, existe uma história da arte consagrada como universal que evidentemente privilegia estudos acerca de uma dada produção artística europeia, e mais recentemente, a norte-americana. Participaram desta mesa pesquisadores e artistas como Celso Lima, Dilma de Mello e Silva, Rosana Paulino e Sidney Amaral, com mediação da artista plástica e pesquisadora Renata Aparecida Felinto.

#### **MESA 4: Poéticas, costumes e religiosidades**

A mesa reuniu profissionais de diferentes perfis que apresentaram suas pesquisas e experiências acerca deste tema. O vasto universo cultural da população negra trazida com a diáspora africana foi frequentemente ressignificado no Brasil, servindo como forma de resistência política e ideológica, e é visível em inúmeras expressões culturais da atualidade. A ancestralidade negra que deu origem às culturas afro-brasileiras foi discutida nesta mesa especialmente sob o ponto de vista das religiosidades, das poéticas do cotidiano, das danças e dos costumes. Participaram da mesa os pesquisadores Luciane Ramos da Silva, Makota Valdina, Raul Lody e Vagner Gonçalves, com mediação de Renata Aparecida Felinto.

#### **A arte por uma nova História**

O povo afrodescendente foi, ao longo da história, explorado em seu corpo, em seus saberes, em sua cultura e conquistas. Foi considerado como fonte de inspiração, mas raramente colocado em condições de igualdade, seja nos livros de arte, seja nos espaços de representação. Foi animalizado e destituído de seu direito à sua própria história e memória, sendo-lhe frequentemente destinados postos que o definem como inferior ou exótico. Esta importante estratégia de dominação, naturalizada e institucionalizada, ocorre intensamente até os dias de hoje. A arte é um meio importante de se contar a história de um povo e pode funcionar como instrumento de memória, empoderamento e formação das diversas identidades afrodescendentes, mas desta vez como protagonistas de sua própria história.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ADORNO, T. W. (1975). A indústria cultural. In G. COHN, Comunicação e indústria cultural (pp. 287-295). São Paulo: Editora Nacional.
- ANDRADE, M. de. (1984). Aspectos das artes plásticas no Brasil (p. 96). (Obras completas de Mário de Andrade: Vol. 12. 3. ed.) Belo Horizonte: Itatiaia.
- ARAÚJO, E. (1998) O Universo Mágico do Barroco Brasileiro. In E. Araújo (Curador). São Paulo: SESI. Catálogo de exposição.

- ARAÚJO, E. (Org.). (1988). A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica. São Paulo: Tenenge. Prefácio de Joel Rufino dos Santos.
- ARGAN, G. C. (1992). Arte Moderna. São Paulo: Cia. das Letras.
- ÁVILA, A. (org.). (1997). Barroco: teoria e análise. São Paulo: Perspectiva, 1997. 556 p., il. p&b foto. (Styllus, 10). Trad. Sérgio Coelho, Pérola de Carvalho, Elza Cunha de Vincenzo; apresentação Affonso Ávila.
- BARATA, M. (1988). "A escultura de origem negra no Brasil". In E. ARAÚJO (Coord.). A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica. São Paulo: Tenenge. p. 183-191. (revisão modificada e ampliada da edição de 1957)
- BARBOSA, A. M. (2001) Arte-Educação: leitura no subsolo. 3. Ed. São Paulo: Cortez.
- BARDI, P. M. (1982). Um século de escultura no Brasil. São Paulo: MASP.
- BASTIDE, R. (1966). "The function and significance of negro art in the life of the Brazilian People". In Colloquium on Negro Art, 1966, Dakar. Function and significance of African negro art in the life of the people and for the people. (1968). Paris: Présence Africaine. p. 397-413.
- BATTISTONI FILHO, D. (2005) Pequena História das artes no Brasil. Editora átomos.
- BAZIN, G. (1963). O Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil. Trad. Mariza Murray. 2.ed. rev. aum. Rio de Janeiro: Record. 391 p., il. p.b. color.
- BAZIN, G. (c. 1956). A Arquitetura religiosa barroca no Brasil. Rio de Janeiro: Record, il. p.b. Trad. Gloria Lucia Nunes; prefácio Germain Bazin; apresentação Roberto Marinho.
- BELTING, H. (2006) O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois. São Paulo: Cosac Naif.
- BOYER, A.-M. (2007). Les Arts D'Afrique. Paris: Éditions Hazan.
- CAMPOFIORITTO, Q. (1983). A Pintura Posterior à Missão Francesa (V. 3). In História da Pintura Brasileira no século XIX. 1835-1870. Rio de Janeiro: Pinacoteca.
- CUNHA, M. C. da. (1983[a.1980]). Arte afro-brasileira. In W. Zanini (Ed.), História geral da arte no Brasil, vol. II. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles. pp. 973-1033.
- CARVALHO, A. M. F. M. de. (2000). Mestre Valentim. p. 122. São Paulo: Cosac & Naify, 1999. Il. color. (Espaço da arte brasileira). Casa-Brasil. Rio de Janeiro.
- CHIPP, H. B. (1996). Teorias da Arte Moderna. São Paulo: Martins Fontes.
- CONDURU, R. (2007). Arte Afro-brasileira. Editora c/arte.
- CUNHA, M. C. da. (1983) Arte Afro-brasileira. In W. Zanini (Org.), História Geral da arte no Brasil. (p. 990.) São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles.
- GORENDER, Jacob. (1978). Escravismo na Mineração (Cap. XXI). In O escravismo colonial. São Paulo, Ed. Ática. Ensaios 29.
- HAUSER, A. (1982) A História social da literatura e da arte. São Paulo: Mestre Jou.
- JOUBERT, H. (2006). L'art Africain. Éditions Scala. Paris.
- KRAUS, R. (1993). Caminhos da Escultura Contemporânea. São Paulo: Martins Fontes.
- MACHADO, L. G., Iglésias, F. (Org.). (1978). Barroco mineiro. Apresentação de Rodrigo Melo Franco de Andrade. 3. ed. São Paulo: Perspectiva. 443 p., il. (Debates, 11).
- MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO. (2000). São Paulo. Arte barroca. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo: Associação Brasil 500 anos Artes Visuais.

- NAVES, R. (1996) A forma difícil: ensaios sobre e a arte brasileira. São Paulo: Editora Ática. New York, Museum of Modern Art, 1999.
- PETRAGLIA, I. C. (1995). Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis: Vozes.
- RAMOS, A. (1949). Arte negra no Brasil. Cultura, Brasília, v. 1, n. 2, p. 189-212.
- READ, H. (1994) La escultura moderna. Barcelona: Ediciones Destino.
- RODRIGUES, N. (1932). As línguas e as belas artes nos colonos pretos - Pintura e escultura - Sobrevivências africanas. In Os Africanos no Brasil. São Paulo: Editora Nacional. p. 160-171. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, 9) [1ª. ed. 1904] s/d, p. 87-93.
- SAIA, L. (1944). Escultura popular brasileira. São Paulo: Edições Gaveta.
- SANT'ANNA, A. R. de. (2000). Barroco: do quadrado à elipse. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- SILVA, R. J. da; CARNEIRO, S. (2009). Violência racial: uma leitura sobre os dados de homicídios no Brasil / Rodnei Jericó da Silva e Suelaine Carneiro. – São Paulo: Geledés Instituto da Mulher Negra; Global RightsPartners for Justice. Disponível em: <[http://www.globalrights.org/sites/default/files/docs/Violencia\\_Racial\\_2009\\_in\\_Portuguese.pdf](http://www.globalrights.org/sites/default/files/docs/Violencia_Racial_2009_in_Portuguese.pdf)>
- SOUZA, Vanessa Raquel Lambert de. (2007). O vestuário do negro na fotografia e na pintura: Brasil, 1850-1890. Dissertação de Mestrado, UNESP – Instituto de Artes.
- TIRAPELI, P. (2005). A Igreja como Centro Irradiador de Cultura no Brasil Colonial. In Arte Sacra Colonial: barroco memória viva. UNESP. pp. 8-11.
- \_\_\_\_\_, P. (2006). Arte Brasileira – arte colonial – barroco e rococó. Companhia Editora Nacional.
- VALLADARES, C. do P. (1963). Agnaldo Manoel dos Santos: origin, revelation and death of a primitive sculptor. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia.
- \_\_\_\_\_, C. do P. (1969) A iconologia africana no Brasil. Revista Brasileira de Cultura, Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, p. 37-48[+ pranchas].
- \_\_\_\_\_, C. do P. (1976). Aspectos da iconografia afro-brasileira. Revista Brasileira de Cultura, Rio de Janeiro, v. 6, n. 23, p. 64-77.
- \_\_\_\_\_, C. do P. (2000). O negro nas artes plásticas. In Mostra do Redescobrimento: negro de corpo e alma = black in body and soul. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais: Fundação Bienal de São Paulo. p. 426-429. [1ª. ed. 1968]
- \_\_\_\_\_, C. do P. (2000). Primitivos, genuínos e arcaicos. In Mostra do Redescobrimento: arte popular = popular arts. São Paulo: Associação Brasil 500 Anos Artes Visuais: Fundação Bienal de São Paulo. p. 92-101. [1ª. ed. 1966]
- VENTURINI, G.; GODINHO, T. (2013). Mulheres Brasileiras e Gênero Nos Espaços Público e Privado - Uma Década de Mudanças na Op. Pública. Fundação Perseu Abramo,.
- VERGER, P. (1981). Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio.
- WITTKOWER, R. (1989). Escultura. São Paulo, Martins Fontes.
- ZANINI, W. (Org.). (1983). História Geral da Arte no Brasil. (V. 1). São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles - Fundação Djalma Guimarães.

